

Alvorada

o diario de la mañana



Aula de periodismo en el mar de EL COMERCIO - Universidad Itinerante de la Mar

Sábado
11 de Agosto de 2012



Corsino García Suárez vigila la proa del navío en su navegación a Las Azores. :: R. MUÑIZ

A cozinha é mais importante que o motor, o radar não substitui o olho e na biblioteca, nasceu o Alvorada

:: RITA ROCHA

Qualquer um que tenha estado quatro horas de vigia pode achá-lo monótono e até aborrecido, no entanto, esta é fundamental: uma boa vigia poderia ter dado outro fim ao Titanic. «A vigia é essencial» conta o Imediato Lourenço. Mesmo com o surgimento do radar que assinala a existência de outros navios ou bóias, «há objectos que só se detectam a olho nu, bem como a distância e a direcção do navio avistado», revelou o marinheiro Sousa. Quanto às vantagens que traz, «permite-nos

estar sozinhos, sossegados». Já o marinheiro Jesus afirma que «a piada está nos golfinhos, baleias e tartarugas que se avistam».

A função do vigia associa-se à proa do navio por ser o espaço onde melhor se vê o que acontece à nossa volta. O vestuário fica dependente das condições atmosféricas, já os binóculos e o rádio são sempre obrigatórios.

Onde antes havia uma coberta, encontra-se agora a biblioteca, «ponto de encontro social», segundo Idoia, jornalista de EL COMERCIO. Apesar de «pequeno e desordenado é um espaço muito confortável e fresco». Para quem quiser ler ou simplesmente folhear os livros que aqui se encontram basta pedir ao Cabo Torres, o responsável pela biblioteca. «Todos os anos, faz-se o registo e arrumam-se nas estantes os novos livros oferecidos. Contudo os pedidos de leitura são escassos», expli-

cou o Cabo. A colecção conta actualmente com cerca de 500 livros.

Nestas semanas a biblioteca está a ser ocupada pela redacção do periódico Alvorada, projecto que reúne alunos portugueses e espanhóis com o objectivo de descrever o que acontece a bordo do Creoula. Idoia diz tratar-se de um grupo de «pessoas muito diferentes mas todas curiosas e com uma inquietude que se reflecte na escrita». Além disso, salienta a «frescura que trazem» e que lhe permite também a ela aprender.

Tal como o navio precisa de motor, os marinheiros precisam de se alimentar. As refeições são servidas à hora marcada e sempre alertadas no Equipamento de Transmissão de Ordens (ETO). Logo no início da viagem, o Comandante Cardoso alertou, «se há um espaço que nunca pode deixar de funcionar é a cozinha». Pode surpreender

que se consiga cozinhar para cem pessoas num espaço tão reduzido. No entanto, há uma organização distinta entre zona de preparação, confecção e lavagem.

Cozinhar a bordo não é fácil, o navio adorna, as panelas balançam e, sem cuidado, o almoço pode cair ao chão. A Marinha, responsável pelo abastecimento do Creoula, faz as ementas para cada três meses, sendo estas ajustadas consoante as condições do mar. «Ainda ontem íamos fazer peixe cozido e devido à ondulação teve de ser peixe assado», disse Rodrigues, um dos cozinheiros. O Cozido à Portuguesa torna-se impossível, uma vez que «tudo o que envolva água a ferver é complicado». O mais difícil «são mesmo as batatas fritas». Rodrigues acalma ainda os ânimos, «há sempre jantar, pode é haver menos clientes», referiu com um sorriso.

LO QUE NO SABES DE



Rui Ribeiro

Este estudante de Bioquímica ambiciona tomar-se cientista nos EUA ou em Inglaterra. Descreve-se como um sonhador e admite ser extremamente poupado, dizendo que sempre que compra algo “não gasta, investe”. Gosta de sair à noite no Porto, onde estuda, e em Monção, sua vila natal, e a sua bebida favorita é Martini Bianco. Tem uma paixão pela música, Jazz e Electrónica, e toca um pouco de piano. Não suporta macacos, palhaços e o ruído de portas a bater.



Lucía Arrouge Roza

Amante da natureza, começou a fazer mergulho no ano passado. Faz voluntariado com crianças num Hospital já há três anos, o que mostra a sua faceta solidária. Adora socializar, motivo pelo qual se inscreveu nesta experiência, e não consegue viver sem chocolate. Nos seus tempos livres gosta de ouvir música, ir ao cinema e ver séries, especialmente “Dexter”. A sua frase favorita é: “não deixes para amanhã o que podes fazer hoje... ok, então amanhã começo!”

Pocas cosas tan inspiradoras como un viaje por mar... sobre todo a los que se quedan en tierra. Fuente inagotable para literatos y poetas, los que lo han vivido el mar saben que no todo en una travesía es glamour y no falta quien, como nos cuenta Ortega, lo encuentra tedioso, carente de interés y motivación intelectual.

Rara vez ocurre algo y cuando ocurre no siempre es agradable. La vida del marino está poblada de rutinas, orden y disciplina cuya misión es evitar que pase algo inesperado, que todo sea predecible como el ir y venir de

JAVIER ARÍSTEGUI
PADRE DE APRENDIZ DE NAUTA

LA VIDA EN EL MAR



las mareas o la serie infinita de las olas contra el acantilado. Antes de la máquina de vapor, no hace tanto tiem-

po, se sabía cuándo salía al mar un velero pero nunca cuando recalaría, sujeto como estaba al albur de los vientos y las olas. A veces la partida podía demorarse varios días a la vista de la costa esperando los vientos favorables y, lo que era peor y más desesperante para la tripulación, lo mismo le podía ocurrir a la recalada.

Y aún así queremos que nuestros jóvenes disfruten de esa eterna sensación de la travesía, que descubran el compañerismo y la camaradería de la vida a bordo, la belleza de la estela a 7 nudos y de las noches estrelladas con la Polar por la aleta. Y, claro, tam-

bién a aceptar el orden y la rutina del marino, la disciplina que impone el barco, a conformarse con la comida frugal y aprender las artes de orientarse en el mar por el sol y las estrellas; a ajustar las velas para sacar esa décima de nudo que supone tantas millas al final de la travesía. ¡Quizás hasta aprendan algo de la bellísima lengua de Camões!

Pero lo mejor de todo es que son ellos los que quieren embarcarse en todo esto, como respondiendo a una llamada ancestral que nos corre por las venas desde tiempo inmemorial. Ellos los que han elegido y se han es-

merado para formar parte del grupo. Han elegido la Aventura y, como Ulises, saben que lo importante es el camino, que Itaca es sólo un islote árido poblado de cabras.

Gracias a la Universidad y la Armada Portuguesa su sueño se va a hacer realidad en el Creoula y todos los que nos quedamos en tierra, con el corazón un poco encogido y un rescoldo de envidia, os deseamos como antaño que los vientos os sean favorables y os encomendamos a Eolo, a Neptuno, a la Virgen del Carmen, a San Telmo... y a que la máquina no se pare en el momento más inoportuno.